

Leia o 1º capítulo de *O Fator Elena*, novo romance de Rachel Fernandes

01. Pé-sujo e péssimas ideias

Carolina estava diante de uma péssima ideia. Era impossível não pensar nisso enquanto estava parada no semáforo vermelho, naquele final de tarde rosado em Porto Alegre. No carro, envolvida pelo ar-condicionado que afastava o mormaço do início de outubro, Carolina cogitou. *Eu posso... desistir*. Tamborilou os dedos sobre o couro do volante, a aliança de noivado brilhando contra a pele negra do dedo anelar. Desistir. A palavra, tão curtinha, era suficiente para embrulhar o estômago dela.

Encarou o bilhete aberto sobre o banco do carona e outra pontada de remorso a atingiu. Quando a secretária, uma moça pálida e ansiosa, entregara-lhe o papel, Carolina ficara rígida diante da jovem, segurando-o com uma expressão vazia no rosto. Não via aquela caligrafia há doze anos, mas reconhecia a escrita rápida e inclinada, com estrelas nos pingos das letras “i” e o descuido evidente na conclusão dos números.

Carolina apertou o volante. Reconheceria a caligrafia de Alice em qualquer lugar, espaço ou tempo. As malditas estrelas de cinco pontas, relapsas como a dona, estavam gravadas a fogo nas retinas de Carolina. Ela cerrou os lábios, pronta para amassar o bilhete e voltar para casa, para Paulo, para o vinho recém aberto e para o jantar que a aguardava, mas o carro de trás buzinou, puxando-a de volta para a realidade do endereço que buscava.

Estava no bairro Santana, à procura de um restaurante chamado Prato Fino, para encontrar alguém que não gostaria de ver. Seguiu devagar e, no trajeto, foi presenteadada com as piores visões possíveis: varais repletos de roupas encharcadas em sacadas apertadas, prédios com fachadas descascadas, pichações desleixadas, lixo transbordando das lixeiras alaranjadas da prefeitura e um enxame de moscas se banqueteadando. *Vá embora*, rogou a consciência de Carolina. *Vá e não olhe para trás*. Mas era tarde demais. O restaurante Prato Fino ocupava a esquina e Carolina, inimiga de qualquer perda de tempo, estacionou na calçada.

Dois motociclistas usando coletes com listras fluorescentes fumavam sobre as motos, inclinados sobre os celulares. Um morador em situação de rua, abraçado à uma garrafa de plástico, brigava com um cachorro sarnento. Nos apartamentos sobre o restaurante, uma criança chorava em completo desespero. Tudo era decadente, imundo. *Do jeitinho que a Alice gosta*, pensou ela, contrafeita.

Carolina pegou o bilhete, a bolsa e desceu. Ignorou os olhares arrastados dos motociclistas, e de nariz em pé, empurrou a porta de madeira repleta de adesivos de vale-

alimentação aceitos pelo restaurante. Ficou parada na entrada, incapaz de avançar. Aquilo era a mãe de seus maiores e mais terríveis pesadelos.

O restaurante era um desses pés-sujos comuns nos bairros mais empobrecidos. O piso de cerâmica estava lascado em diversos pontos, os ventiladores de teto faziam um barulho infernal e o buffet era visitado por moscas insistentes, espanadas esporadicamente por um garçom de camisa amarrotada. As mesas, forradas com papel manteiga, tinham clientes grandalhões ao seu redor, com bonés enebados na cabeça e palitos de dente no canto da boca. O ar do Prato Fino era pesado, cheirava a gordura antiga.

Parada na porta, foi agraciada com os olhares curiosos dos homens. Tarde demais para o almoço e cedo demais para o jantar, o restaurante não contava com muitos clientes. Além dos grandalhões, um solitário bebia uma cerveja barata num canto e...

— Aqui, Carolina!

Ela virou a cabeça como se tivesse levado um tapa na orelha. Próximo à janela, Alice acenava. Carolina enrijeceu, arrebatada por um presságio terrível. Pontualidade era um conceito complexo que a cabecinha artística de Alice não processava. Algo estava errado.

Carolina cruzou o salão com o nariz erguido, a bolsa de grife feito um escudo no cotovelo. Ignorou os olhares dos homens, sentando-se diante de Alice com as costas eretas. Não queria tocar em nada daquele restaurante infecto.

Alice tinha a mesma aparência de doze anos atrás. Cabelos loiros rebeldes, nariz arrebitado de boneca desobediente e olhos azuis melosos. E pelo macacão jeans com uma das alças abertas, ainda vivia no País das Maravilhas tal qual sua famosa xará. Era um fantasma do passado em carne e osso, sem tirar nem pôr.

O cheiro da comida entre elas, um prato gigantesco de arroz, feijão, batata frita, filé e ovos estrelados embrulharam o estômago de Carolina. Tudo reluzia a óleo de baixa qualidade, tempero ruim e tragédia anunciada.

— Quanto tempo, hein? — Alice puxou um filé para o próprio prato e, com um sorrisinho, perguntou: — Servida?

— Não, obrigada. — Carolina se sentou e deixou a bolsa sobre a cadeira ao lado. — Sempre que possível e diferentemente de ti, evito comer qualquer tipo de lixo.

Ainda mastigando, Alice alargou o sorriso. As pás dos ventiladores rugiam sobre elas e o ar, estagnado pela gordura, deixava o silêncio mais pesado. Carolina empurrou o bilhete na direção de Alice antes de perguntar:

— O que tu quer comigo?

— Sempre a mesma Carolina. — Alice deu uma garfada generosa nas fritas. — Sempre detestando perder tempo. E dinheiro.

— Como tu descobriu onde eu trabalho?

— Internet, ué. — Alice mastigou e, de boca cheia, completou: — Não sei se essa modernidade já chegou lá no teu palácio de cristal, mas é incrível.

Carolina apertou os olhos. Ser uma executiva premiada da AlphaCom, uma das maiores multinacionais do país, era uma bênção e uma maldição. *Nesse momento, só maldição*, pensou ela.

Alice enfiou mais algumas fritas na boca e sorriu. Carolina fez uma careta. Estava naquele restaurante pulguento há menos de vinte minutos e já não suportava mais a presença de Alice. Doze anos mudavam muitas coisas, mas não tudo.

— O que tu quer comigo? — insistiu ela.

— Deixa a Beatriz voltar do banheiro que eu já falo.

O nome perfurou as lembranças de Carolina como uma bala de canhão num casco de navio. Uma tonelada de memórias, boas e ruins, imobilizaram-na. E ver Beatriz saindo do banheiro feminino com os mesmos cabelos escuros, a mesma pele pálida e aquele mesmo ar etéreo de quem é mais pensamento do que ser humano foi como voltar doze anos no tempo. *Não pode ser*. Mas era.

Beatriz tomou lugar à ponta da mesa — onde só agora Carolina vira a alça de uma bolsa de couro simples no encosto da cadeira — e a encarou com surpresa contida. Quase como se estar ali, num restaurante pulguento da Santana, com duas de suas ex-melhores amigas dos tempos de faculdade, fosse uma ocorrência cotidiana, um acaso incapaz de ser alegre ou terrível.

— Bom te rever, Beatriz.

— Digo o mesmo, Carolina.

E as três caíram em silêncio. Beatriz, assim como ela, tinha as costas eretas na cadeira cujo estofado gasto imitava uma palhinha dos tempos de outrora. Era possível ler, claro feito caligrafia de criança, o desconforto presente em cada músculo da face sem expressão de Beatriz. *E ela não tá nem um pouco errada*, pensou Carolina.

Alice era a única que parecia em casa. Comia com voracidade, tal qual uma adolescente, puxando outro pedaço de filé para o prato, servindo-se de colheradas fartas de arroz gorduroso e enfiando as fritas na boca sem ao menos mastigá-las. Por fim, bebeu um gole de refrigerante, engoliu e disse:

— Enfim, vocês devem estar curiosas pra saber por que estamos aqui, né?

Carolina espiou Beatriz, sendo espiada de volta na mesma hora. A tensão crescia na mesa enquanto os ventiladores rugiam. Havia apenas um motivo para Alice demandar um encontro após doze anos de sumiço, somente uma razão para surgir de onde quer que se escondesse para fazer aquilo: Elena. O nome, tão curto e simpático, causava os piores calafrios em Carolina. Era lógico, como dois e dois teimavam em resultar em quatro, que Alice desejava falar *naquilo*:

— A gente fez uma promessa pra Elena. — Ela limpou a boca num guardanapo amassado e encarou as duas como um general diante do campo de batalha. — Tá na hora da gente cumprir.

Na ponta da mesa, Beatriz enrijeceu. Seus dedos delgados, tão acostumados às páginas dos livros e às provas dos alunos, crispavam-se no papel manteiga sobre a mesa. Carolina encarou Alice como se tivesse visto uma árvore recitar um poema e disse:

— Completamente fora de cogitação.

— Tu nem deixou eu...

— E nem vou. — Carolina cerrou o punho sobre a mesa. — Eu sei o que tu vai pedir.

Minha resposta é não.

Carolina transpirava pela camisa social branca. Trazer Elena à tona era lidar com anos de terapia, com a época em que as quatro formavam um grupo inseparável, assinado pela inicial dos nomes, pela sigla ABCE, o *abecê*, como Elena teimava em chamar. Nenhuma promessa deveria resistir ao tempo ou à morte, principalmente a esta última.

— A Elena sempre quis ir de carro pra Argentina — disse Alice, a voz distante. — A gente disse que ia fazer essa viagem com ela. Nós quatro.

— Isso foi antes — retrucou Carolina.

— A gente nunca fez a viagem.

— E nem vamos fazer — arrematou Carolina, alteando a voz. Os grandalhões da mesa ao lado franziram o cenho para ela. Carolina completou num sussurro irritado: — A Elena tá morta, e nada vai trazer ela de volta.

Graças a Deus, arrematou em pensamento. Beatriz tinha o olhar perdido para lá da janela aberta e tamborilava os dedos sobre o papel manteiga como se não estivesse ali. Os ventiladores rodavam no silêncio abafado do restaurante. Alice não comia mais quando disse:

— Ela queria viver na Argentina, ser enterrada lá. Nem isso a gente permitiu.

— A família dela decidiu assim.

— *Ela* não decidiu assim.

— Ela morreu, Alice. Pessoas mortas não decidem nada.

Alice pegou um objeto da cadeira ao lado da que ocupava e o deixou sobre a mesa. Beatriz parou de tamborilar os dedos. Carolina franziu o cenho. Era um vaso de cerâmica pequeno, de vinte ou quinze centímetros de altura, com uma tampa de madeira igualmente arredondada e flores japonesas pintadas à mão na cerâmica branca.

— Isso é a... — começou Beatriz.

— A urna da Elena — disse Alice.

— Isso só pode ser brincadeira — disse Carolina, após um breve silêncio. — Como...

— Fui no cemitério e peguei da cripta da família. Vou levar pra Argentina, como a Elena sempre quis, e despejar as cinzas por lá.

Beatriz tinha os olhos arregalados na urna decorada com esmero. Aquilo beirava a insanidade. Ao lado de um prato de comida farto e gordurento, as cinzas de uma pessoa morta há doze anos. As cinzas de Elena. Somente Alice poderia recriar aquela cena mirabolante, tirada de um filme de terror.

— Tu perdeu completamente a noção — continuou Carolina, a boca seca. — Isso não dá cadeia? Pelo amor de Deus.

— É claro que não — disse Alice. — Quer dizer, eu acho que não...

— Tu *acha*? — rebateu Carolina, num sussurro irritado. — Pra mim chega.

Ela pegou a bolsa e se levantou. As cinzas de Elena, o reencontro com as duas, tudo era demais para Carolina. Remexer naquilo após doze anos de silêncio não valia a pena. *Os mortos que fiquem onde estão*, pensou ela. Beatriz permaneceu imóvel. Carolina disse:

— Faz como tu achar melhor, mas não conta comigo.

— A gente deve isso pra ela — retrucou Alice.

— Não, a gente não deve.

— Ela era nossa amiga! — Alice bateu na mesa e se levantou. Os grandalhões olharam para as duas como quem espera uma briga. Carolina não se moveu, a bolsa pinicando no cotovelo. Alice a encarou e arrematou: — Ela era nossa amiga, e nem no enterro a gente foi.

Os ventiladores giraram. *Tu não pode se sentir culpada por algo que não tá no teu controle, Carolina*. A voz da doutora Flávia navegava pelas lembranças dela como uma nau sem capitão. *Mas quando estava no meu controle, eu não agi*, pensou Carolina.

— Eu fui — disse Beatriz, de súbito. As duas, de pé, olharam para ela. — Ao enterro. Eu fui.

Alice franziu o cenho, mas Beatriz, como era de seu feitio, recolheu-se em si tal qual uma ostra. Não arrancariam mais nada dela. Alice voltou a se sentar. Contrafeita, Carolina fez o mesmo. *Resolva a situação e vá embora*, sussurrou uma pequena voz no fundo de suas ideias. *Seja a mulher de negócios que tu se orgulha tanto de ser*.

— Certo — disse ela. Alice tinha a testa apoiada numa das mãos e Beatriz encarava a urna. — Eu pago as passagens até Buenos Aires. Fazemos isso e depois... fim. Rápido e fácil.

— A Elena queria ir de carro.

Carolina apertou a alça da bolsa. Por que Alice tinha *sempre* de complicar as coisas?

— Não temos tempo. São quantos quilômetros até lá?

— Mil — respondeu Beatriz, sem desviar os olhos da urna. — Mil e cem...

Pesadelo do início ao fim. Mil, mil e cem quilômetros num carro com duas de suas ex-melhores amigas e a urna de uma morta. O final de tarde rosado concretizava todos os pavores de Carolina.

— Eu pago as passagens — insistiu ela. — Vai ser muito mais simples se...

— Dinheiro não resolve tudo.

— O que *mais* tu quer de mim, Alice?

— Que a gente faça essa viagem como a Elena tinha planejado — retrucou ela. — Nós quatro indo de carro até a Argentina. Eu já organizei tudo.

Carolina teria rido se a frase não fosse trágica. Alice, habitante recorrente do mundo da Lua, e “organizar tudo” eram dois conceitos incapazes de coexistir em harmonia.

— Ah, é? — Carolina uniu as mãos sobre a mesa. — E como tu pensou em fazer?

— A gente pega um carro, desce até o Uruguai, vai pra Argentina e volta.

Então, silêncio.

— Isso é o que tu chama de *organizar*?

— É só seguir a estrada, porra — retrucou Alice. — Qual é a dificuldade?

Inúmeras, a perder de vista: a duração da viagem, o motivo, as companhias. Aquilo não daria certo. Elena era o amálgama que unia o grupo, o componente secreto capaz de dar vida ao monstro de Frankenstein. Sem ela, as três não possuíam nada em comum. Apenas uma culpa, um passado varrido para debaixo do tapete. Tudo morrera com Elena.

— Olha, eu sei que a gente... — Alice balançou a cabeça e encarou as duas. — É meu último pedido. Eu preciso de vocês pra fazer isso. Depois dessa viagem, se vocês quiserem, não precisamos nunca mais olhar na cara uma da outra.

Carolina enrijeceu diante da proposta tentadora. A seu modo torto, Alice lhe oferecia o que ela buscara durante anos na terapia: uma resolução. *Ciclos precisam de encerramento, Carolina*. Por que a voz da doutora parecia tão tentadora agora, naquele restaurante pé-sujo? Espiou Beatriz, mas encontrou somente o alheamento habitual. Carolina cruzou as mãos sobre a mesa, e o anel de noivado, ouro branco repleto de diamantes, brilhou contra sua pele negra. Pensou em Paulo, no casamento que aconteceria em breve, nos preparativos faltantes.

Isso é loucura. Girou o anel no dedo, a cabeça a milhão. Não podia simplesmente virar as costas para o trabalho, para as negociações de compra e venda das empresas falidas de executivos carrancudos. *Posso passar os contratos pra Heloísa e pro Miguel, mas isso não resolve o problema do casamento*. Sempre havia um problema, um impedimento, algo que...

— Vou deixar vocês pensarem na proposta. — Alice se ergueu, pegando a urna de Elena. Manchas de tinta colorida tomavam seu macacão jeans. — Minha carona chegou.

Um homem alto, de cabelos encaracolados e camiseta verde musgo, acenava para Alice da porta do restaurante. Carolina estreitou os olhos para ele. Pelo tipo, meio grandalhão e com cara de abobalhado, parecia trabalhar na noite. Leão de chácara. O que esperar vindo de Alice?

— Quando tu tá pensando em ir? — perguntou Carolina.

— Em dois dias. — Ela puxou uma caneta do bolso do macacão e, num guardanapo limpo, anotou um endereço. De novo, as estrelas de cinco pontas, a caligrafia inclinada. — Me encontrem lá, bem cedinho, se mudarem de ideia.

— Só me responde uma coisa antes. Por que agora?

— Como...

— Por que agora, depois de doze anos? — Carolina a encarou. — O que tu tá escondendo?

Abraçada à urna de Elena, Alice a encarou de volta. Carolina poderia jurar que uma sombra passara pelos olhos azuis melosos dela, mas fora rápido demais para dizer com certeza. Alice, como sempre, se refazia rápido, era difícil de agarrar.

— Amigas não têm segredos, esqueceu? — Ela sorriu. Carolina enrijeceu ao ouvir aquele bordão tão característico de Alice, que aproveitou a deixa: — A gente se vê, gurias.

Ela sumiu com o desconhecido. Os ventiladores giraram e, pela primeira vez, Carolina relaxou na cadeira. Enterrou o rosto nas mãos, respirou fundo — não muito, por receio de sentir o cheiro de gordura — e torceu para sumir. *Que grande merda.*

— Ainda é cedo pra perguntar a tua decisão?

Carolina ergueu a cabeça diante da pergunta. Beatriz a encarava, o rosto impassível no aguardo da resposta. Por um breve momento, esquecer-se dela ali, silenciosa como o diabo.

— Completamente fora de cogitação. — Carolina deu uma risadinha ácida. — De avião até seria possível considerar, mas de carro? Alice enlouqueceu. Na verdade, ela nunca foi certa da cabeça.

— Então por que tu veio?

— Tô me fazendo essa pergunta desde que saí do escritório.

Beatriz sorriu com o canto dos lábios. Das quatro, ela sempre fora a misteriosa. Ninguém sabia ao certo suas opiniões, suas preferências ou o que diria a seguir. Diferentemente de Alice, arara em pleno voo rasante, gralha inconveniente, Beatriz era assim, meio caranguejo. Andava de lado para chegar onde queria, esquivava-se dos holofotes, preferia os subterrâneos da areia e os recantos silenciosos da biblioteca. *Ela leu tanto Clarice que se transformou numa Esfinge também*, dizia Elena, sempre sorrindo. Carolina enrijeceu. *Para de pensar na Elena*, recriminou-se.

— E tu? — Carolina dobrou as bordas do bilhete com o endereço. — O que levou a grande professora Beatriz Camargo a vir até esse pé sujo medíocre?

— Culpa, curiosidade. — Beatriz deu de ombros e sorriu. — Ainda não sei quem levou a melhor.

No silêncio do restaurante engordurado, com os ventiladores que mais rangiam do que faziam vento, não havia mais nada a ser dito.

— Tu precisa? — Carolina ergueu o endereço.

— Pode ficar. É bem perto de um sebo que eu adoro.

— Eu te ofereceria uma carona, mas...

— Tenho um curso agora. — Beatriz sorriu como quem pede desculpas e se levantou. Carolina fez o mesmo. Beatriz alisou a alça da bolsa antes de completar: — Bom te ver. Mesmo.

E saiu do restaurante. Carolina, contra todas as expectativas, tornou a se sentar. Apoiou a testa na mão direita, sentindo o peso do anel de noivado no dedo, e fechou os

olhos por um instante. Pensou em Alice, nos silêncios de Beatriz, em Elena, naquela presença feita de gargalhadas e pés descalços. Assim, de olhos fechados, ouvia com clareza a risada dela, via os contornos de seu rosto pontudo, os cabelos castanhos despenteados. Como era possível alguém como Elena deixar de existir?

— Me desculpa interromper, dona...

Carolina ergueu a cabeça como quem retorna de um sonho cansativo. O garçom de camisa amarrotada segurava a bandeja em frente ao peito. Sem graça, ele disse:

— Mas a amiga da senhora não pagou a conta.

Ele estendeu a comanda. Carolina fechou a cara e, a contragosto, abriu a carteira.